

EN

Cardboard Cabaret, which opens this edition of Festival de Almada (and won the Molière Awards 2022) has a major protagonist: the cardboard! In a story that opens to infinite possibilities, and in a language that sounds like English (but is not), a chubby Shakespearean actor tells us the incredible epic story of a man (possibly his ancestor). At his side, in permanent work, a frail, handyman actor strives to help us understand what is being told. The duo Olivier Martin-Salvan (b. 1982) and Pierre Guillois (b. 1968) brings us a show for all audiences, which consists of a tribute to artisanal, popular and playful theatre. Since 2022, this play has been presented hundreds of times to thousands of spectators.

LES GROS PATINENT BIEN - CABARET DE CARTON

(OS GORDOS PATINAM BEM – CABARÉ DE CARTÃO)

COMPAGNIE LE FILS DU GRAND RÉSEAU (França)

Um espectáculo de PIERRE GUILLOIS e OLIVIER MARTIN-SALVAN



42º FESTIVAL 04 — 18
de almada JULHO 2025

Organização CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA
COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA

<i>Dias e Horários</i>	4 JULHO — 22H00
<i>Local</i>	PALCO GRANDE ESCOLA D. ANTÓNIO DA COSTA (ALMADA)
<i>Classificação Etária</i> M/12	<i>Duração</i> 1H20

Interpretação
OLIVIER MARTIN-SALVAN
PIERRE GUILLOIS

Direção técnica
COLIN PLANCHER
GRÉGOIRE PLANCHER
JÉRÔME PEREZ
ELVIRE TAPIE

Engenharia de cartão
CHARLOTTE RODIÈRE

Adereços
ÉMILIE POITAU
COCO PETITPIERRE

Criação sonora
LOÏC LE CADRE

PT Neste espectáculo um imponente actor shakespeariano conta-nos, num inglês que ninguém é capaz de entender — nem mesmo um morador de Stratford-upon-Avon em 1564 —, a incrível epopeia, pela Europa e pelos séculos, de um homem — talvez seu antepassado — que, à beira de um fiorde nas profundezas das Ilhas Faroé, num ano desconhecido e sem dúvida há muito esquecido, foi amaldiçoado por uma sereia que ele próprio pescara por engano nas águas congeladas, porém salgadas, sob os auspícios magníficos de uma aurora boreal lindamente conspurcada, naquele preciso momento, por um bando de grou a caminho de África.

Eis a génese desta história. Depois esse homem atravessa terras e mares, jornada após jornada, acabando talvez como rei, mas mais provavelmente como mendigo. E, sem dúvida, esquarterjado ou espancado numa roda, nalguma região selvagem. Ou acabando como doceiro num país que, de qualquer forma, é quente de mais.

A não ser que tenha uma morte doce, mas decepcionante, retornando à casa de família, numa bela noite de Primavera, repleta de moscas e moscardos, acolhido pela sua velha mãe, quase mais valente do que ele, e sem ter realmente tido tempo para se interrogar sobre o sentido da vida.

Este actor, cuja estatura não pode ser contestada, é acompanhado por um faz-tudo — contra-regra ou comparsa — cuja competência certamente é discutível, e que é tão franzino quanto o outro é forte. E que se esforçará — meio nu, coitado — por mais de uma hora, servindo-se de cartazes de cartão mal pintados e outras caixas, sempre de cartão, mais ou menos recortadas correctamente, e que se esforçará, portanto, para nos fazer entender o sentido dessa viagem que alguns dizem iniciática, mas cujo simbolismo foi já engolido por várias gerações.

De modo que dessa longa peregrinação pelo globo fica apenas a sensação de uma corrida nitidamente vã em busca de uma certa felicidade que (já o sabíamos de antemão) está completamente fora do alcance desse sujeito excessivamente roliço.

Compagnie Le Fils du Grand Réseau